

“DESPERTANDO OS MORTOS”¹: UMA NOTA HISTORIOGRÁFICA SOBRE JOHN KIRTLAND WRIGHT (1891-1969)

Rafael Augusto Andrade Gomes²

John Kirtland Wright faleceu em 24 de março de 1969, na cidade de Hanover, estado americano de New Hampshire, poucos meses antes de completar 78 anos de vida. Desde então, ao longo das cinco décadas após a sua morte, o nome de John Wright é frequentemente associado à geografia da percepção e ao despontar do humanismo em geografia – tanto na literatura geográfica anglófona (LOWENTHAL; BOWDEN, 1976; POWELL, 1977; LEY, 1981; HANDLEY, 1993; SEAMON; LUNDBERG, 2017) quanto na brasileira (HOLZER, 1997; MARANDOLA JR., 2010; HOLZER, 2016). Se, por um lado, a ressonância de sua obra parecer ter contribuído para tendências de pesquisa geográfica desenvolvidas a partir da década de 1960 (LOWENTHAL, 1961), por outro, a ênfase nos mesmos aspectos de sua vida e produção textual limitam o estudo do alcance de outras características de sua obra.

O pai de John Kirtland Wright, John Henry Wright (1852-1908), depois de lecionar filologia clássica e línguas antigas na Ohio Agricultural and Mechanical College (atual Ohio State University), no Dartmouth College e na Johns Hopkins

1 Há, com o uso da expressão “despertando os mortos” (*awakening the dead*) no título desta nota, uma referência direta ao texto de Barnett (1995). As críticas de Barnett (1995) à história da geografia, no entanto, não serão aprofundadas nas linhas que se seguem.

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da UFRJ. Mestre em Geografia pela UFMG. Bacharel e licenciado em Geografia pela UFRJ. rafagomesgeo@gmail.com.

✉ Av. Athos da Silveira Ramos, 274, salas H1-09 e H1-11, Cidade Universitária, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ. 21941-916.

Despertando os mortos: uma nota historiográfica sobre John Kirtland Wright (1891-1969)

Rafael Augusto Andrade Gomes

University, assumiu o cargo de professor de Grego na Graduate School of Arts and Sciences da Harvard University (1895-1908). Mary Tappan Wright (1851-1916), a mãe de John Wright, era uma romancista famosa por suas histórias curtas e, segundo Bowden (1970), ansiava por uma carreira literária para o talentoso filho caçula: John Kirtland Wright. Nascido em 30 de novembro de 1891, na cidade de Cambridge (em Massachusetts, Estados Unidos), John Wright foi educado na Browne & Nichols School e, em 1909, era calouro na Harvard University (LOWENTHAL, 1969; BOWDEN, 1970).

William Morris Davis (1850-1934), geógrafo com papel fundamental no estabelecimento acadêmico da geografia nos Estados Unidos e que também lecionava na Harvard University, era vizinho e amigo da família Wright. Além dos pais e do irmão mais velho de John K. Wright, o escritor Austin Tappan Wright (1883-1931), Davis era uma presença estimulante no ambiente privado de sociabilidade onde se formou parte da reconhecida erudição de John K. Wright (KEIGHREN, 2002); Lowenthal (1969) e Bowden (1970) ressaltam, dessa relação, que John K. Wright acompanhava atento na sala de estar da sua casa à elaboração dos famosos blocos-diagramas por Davis. Para evitar interpretações apressadas, deve-se enfatizar que, para alguns autores, o encontro entre John K. Wright e William Morris Davis moldou a originalidade do primeiro por meio da negação – ele tentava, ao seguir seu empreendimento individual e acadêmico, desafiar os rígidos limites impostos por Davis à geografia emergente nos Estados Unidos (KOELSCH, 2003a).

Mais tarde, em 1912, John Wright inicia a pós-graduação em história na Harvard University. Segundo Bowden (1970, p.395), no mesmo ano em que começou a pós-graduação, John Wright confidenciou a uma tia que seu “interesse geográfico é mais literário e imaginativo do que

científico”. Cabe lembrar que, àquela época (início da segunda década do século XX), havia duas linhas predominantes na pesquisa científica da geografia dos Estados Unidos: 1) a geografia física capitaneada por William Morris Davis; 2) a antropogeografia elaborada pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) e desenvolvida na geografia americana por Ellen Churchill Semple (1863-1932). Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), John Wright serviu primeiramente à infantaria e, em seguida, à inteligência do Exército dos Estados Unidos; por fim, entre 1917 e 1919, foi deslocado para a seção histórica do General Staff Headquarters, em Paris.

Durante sua estada na Europa após o final da Primeira Guerra Mundial, num percurso entre Londres, Paris e Chartres, John Wright assistiu a comunicações proferidas por Lucien Gallois (1857-1941), Albert Demangeon (1872-1940), Emmanuel de Martonne (1873-1955) e Jean Brunhes (1869-1930). Apesar de frequentemente citada pelos comentadores da vida e da obra de John K. Wright (LOWENTHAL, 1969; BOWDEN, 1970), assim como o encontro com William Morris Davis, ainda não há uma investigação pormenorizada das associações entre a geografia produzida por Wright e aquela dos mestres franceses supracitados. Em setembro de 1920, pouco antes de voltar para os Estados Unidos, num jantar em Paris com Isaiah Bowman (1878-1950), então diretor da American Geographical Society (AGS), Wright foi convidado para assumir o cargo de bibliotecário da instituição.³

Ainda em 1920, após retornar da Europa, John Wright aceitou o convite feito por Isaiah Bowman e assumiu todos os compromissos como bibliotecário da AGS, em Nova York. Na avaliação escrita por

³ Há relatos de que a descrição das qualidades e do potencial de John K. Wright para Isaiah Bowman foi feita por William Morris Davis (KEIGHREN, 2002).

Despertando os mortos: uma nota historiográfica sobre John Kirtland Wright (1891-1969)

Rafael Augusto Andrade Gomes

Bowden (1970, p. 396⁴) em um obituário, os anos entre 1921 e 1928 foram “dias de paz” (*halcyon days*)⁵ na trajetória da AGS e de John K. Wright: “[...] ele completou seu doutorado,⁶ escreveu cinco livros e monografias, seis artigos, 171 itens de registro geográfico e resenhas de livros, e completou a edição de seis volumes de ‘*Alois Musil’s Explorations and Studies in Northern Arabia and Mesopotamia*’”. Esse trecho da vida de John K. Wright, de sua formação inicial em *Harvard* até o final da década de 1920 na AGS, é ilustrativo das conexões entre história da geografia e história da ciência de que nos ocuparemos aqui em diante nesta nota. Apesar de interrompermos a narração panorâmica da vida de John K. Wright, não faltam estudos globais sobre a trajetória intelectual do autor disponíveis àqueles leitores mais ávidos (KEIGHREN, 2002; LOWENTHAL, 1969; BOWDEN, 1970; KOELSCH, 2003b). Estabelecidos os limites desta nota, passemos agora ao aprofundamento temático no período especificado.

Em meados dos anos 1920, no periódico *Annals of the Association of American Geographers*, John K. Wright publica um texto intitulado “The history of geography: a point of view” (WRIGHT, 1925a); foi sobretudo com esse texto que Wright estabeleceu a distinção entre as noções de “história da geografia” (*history of geography*), “geografia histórica” (*historical geography*), “geografia do pensamento” (*geography of*

thought) e “pensamento geográfico” (*geographical thought*). A questão de que se ocupa Wright (1925a, p. 192⁷) é a seguinte: “pode o geógrafo, cujo trabalho é o estudo do homem em relação ao ambiente terrestre, deixar de considerar o pensamento do homem em relação ao ambiente terrestre?”.

A partir da constatação de que a história intelectual (e do pensamento) adquiria relevo entre os historiadores – dos exemplos utilizados por Wright (1925a), dois eram livros organizados por Harry Elmer Barnes (1889-1968) na metade dos anos 1920 (BARNES, 1925a; BARNES, 1925b) –, como poderia o geógrafo “ignorar a geografia do pensamento?” (WRIGHT, 1925a, p. 193⁸). Em resposta a essa pergunta, Wright (1925a) apresenta o estudo geográfico da história da geografia como um dos caminhos, apenas uma das múltiplas alternativas possíveis, à investigação da geografia do pensamento. Antes de definir o sentido do estudo geográfico da história da geografia, o autor apresenta uma diferenciação entre: 1) geografia histórica: “estudo dos fatos geográficos como eles existiram no passado” (WRIGHT, 1925a, p. 193⁹); 2) história da geografia: “história do pensamento sobre os fatos geográficos e não a história dos próprios fatos geográficos” (WRIGHT, 1925a, p. 193¹⁰).¹¹

4 Tradução livre de: “[...] he completed his Ph.D., wrote five books and monographs, six articles, 171 geographical record items and book reviews, and completed the editing of the six volumes of ‘*Alois Musil’s Explorations and Studies in Northern Arabia and Mesopotamia*’”.

5 Expressão idiomática que pode ser traduzida por “dias calmos” ou “dias pacíficos”. O vocábulo *halcyon* designa uma ave mitológica que fazia seu ninho sobre o Mar Egeu e, durante os dias em que permanecia aninhada, as ondas se acalmavam por ordem de Zeus.

6 Tese intitulada “The Geographical Lore of the Time of the Crusades: A Study in the History of Medieval Science and Tradition in Western Europe”. A tese de Wright foi publicada em 1925 pela American Geographical Society e, em 1965, republicada em brochura por uma editora de Nova York.

7 Tradução livre de: “Can the geographer, whose work is the study of man in relation to the terrestrial environment avoid considering man’s thought in relation to the terrestrial environment?”

8 Tradução livre de: “overlook the geography of thought?”

9 Tradução livre de: “study of geographical facts as they have existed in the past”.

10 Tradução livre de: “history of thought about geographical facts rather than the history of geographical facts themselves”.

11 Apesar de não recomendar o uso destes neologismos, Wright (1925a; 1926) estabelece, em paralelo com a historiografia, a compreensão de “história da geografia” como uma *history of geographiology* ou *geographiography*. Como convenção, segundo o autor, usa-se história do pensamento geográfico (*history of geographical thought*) para designar a história da geografia tal como ele apresenta em seu texto de 1925.

Tal distinção entre geografia histórica e história da geografia atravessa textos de geógrafos em diferentes países no mesmo período (BRUNHES, 1925; CARVALHO, 1925; GOBLET, 1932); no entanto, interessa-nos mais detidamente o comentário de Jean Brunhes (1925, p. 100¹²), segundo o qual a “história da geografia é meramente um capítulo na história das ciências. Há uma história não somente das descobertas, mas de sistemas, ideias e sínteses geográficas”. Em contraste, a geografia histórica, para Jean Brunhes (1925, p. 101¹³), “é o estudo do desenvolvimento regional de uma parte da superfície terrestre, seja do ponto de vista de suas condições físicas, seja do ponto de vista das transformações da organização política ou administrativa”. Mais que definições prontas e acabadas, o texto de Wright (1925a) apresenta um panorama no qual os limites da história da geografia, como um campo de pesquisa, ainda são controversos.¹⁴

Para Wright (1925a), a afirmativa de Brunhes (1925) – sobre a história da geografia ser um capítulo da história das ciências – só poderia soar bem se a palavra *ciências* “pudesse ser interpretada de maneira ampla o suficiente para incluir todo o domínio das ideias humanas” (WRIGHT, 1925a, p. 194¹⁵). Um ano depois, num texto publicado no periódico “*Isis – International Review devoted to the History of Science and Civilization*”, Wright (1926) esboça o que considera ser o “escopo da história da

geografia”. Para Wright (1926, p. 483¹⁶),¹⁷ mais do que simplesmente a história da geografia científica, a história da geografia compreende um grupo mais amplo de “atividades e interesses conscientemente geográficos, cuja história é um elemento importante na história intelectual e social”.

Se, para Wright (1926, p. 484¹⁸), “o sentido geográfico é uma resposta intelectual ao meio ambiente (*environmental milieu*)”, o caráter e a expressão do pensamento geográfico podem ser “científicos” ou “não-científicos”¹⁹ – as ciências, a pintura, a literatura e a música, portanto, compõem o escopo e as fontes da história da geografia. Mesmo as ideias geográficas científicas, que Wright (1926) define como aquelas ideias elaboradas e expressas em conformidade com os padrões intelectuais da época, não se resumem às publicações reunidas sob o rótulo de “geografia”; sobre isso, é sintomática a relevância dos mapas e da cartografia como parte fundamental do estudo histórico das ideias geográficas (WRIGHT, 1942).

Tanto o artigo de Davis (1924) sobre o progresso da geografia nos Estados Unidos quanto alguns capítulos do “*Cosmos*” (publicado 1845-1862 [HUMBOLDT, 1875]), de Alexander von Humboldt (1769-1859),

12 Tradução livre de: “The History of Geography is merely a chapter in the History of Sciences. There is a history not only of discoveries, but of systems, ideas and geographical syntheses”.

13 Tradução livre de: “it is the study of the regional development of a part of the earth’s surface either from the point of view of its physical conditions, or from the point of view of the transformations of the political or administrative organization”.

14 A palavra **controvérsia** é utilizada neste texto com toda a carga semântica oriunda das formulações de Bruno Latour (1987; 2011), ou seja, as controvérsias correspondem, grosso modo, aos debates que ainda não produziram consenso entre os envolvidos.

15 Tradução livre de: “If the word ‘sciences’ be interpreted broadly enough to include the entire realm of human ideas”.

16 Tradução livre de: “consciously geographical activities and interests, the history of which is an important element in intellectual and social history”.

17 A primeira parte do artigo de Wright (1926, p. 477-483) é um verdadeiro estado da arte da história da geografia, sobretudo em língua alemã, inglesa e francesa, até a década de 1920. Se assim for permitido dizer, trata-se de uma verdadeira *história da história da geografia*: “se a historiografia fosse definida como a história das interpretações intelectuais dos eventos, conscientemente expressas pelo homem, em sua ordem cronológica, a história da geografia poderia ser definida como a história das interpretações intelectuais conscientemente expressas pelo homem sobre seu ambiente terrestre” (WRIGHT, 1926, p. 484).

18 Tradução livre de: “The geographical sense is an intellectual response to the environmental milieu”.

19 Em seu famoso discurso presidencial na “*Association of American Geographers*” (atual *American Association of Geographers*), intitulado “*Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography*”, Wright (1947 [2014], p. 17) aborda as “encantadoras *terrae incognitae*” que estão na periferia do núcleo-duro da geografia científica.

Despertando os mortos: uma nota historiográfica sobre John Kirtland Wright (1891-1969)

Rafael Augusto Andrade Gomes

dedicados à história das descrições poéticas da natureza e à história da pintura de paisagem, na compreensão dada por Wright (1925a; 1926) ao termo, seriam exemplares de história da geografia. Fernando Antônio Raja Gabaglia (1965), que escreveu o prefácio da tradução brasileira do “Quadros da Natureza” (HUMBOLDT, 1965), teve a mesma interpretação de Wright (1926) sobre alguns capítulos do “Cosmos”. Para ele, o “Ensaio histórico sobre o desenvolvimento progressivo da ideia de Universo”, parte do segundo volume do “Cosmos”, no qual Alexander von Humboldt desenvolve a tese de que “a história das ciências físicas confunde-se [sic] com a história do Cosmos” (GABAGLIA, 1965, p. xx), é uma “história da geografia” apresentada segundo as seguintes etapas: “Bacia do mar Mediterrâneo; Expedição de Alexandre; Escola de Alexandria; Domínio Romano; Os Árabes; Século XV e século XVI; Século XVII e século XVIII” (GABAGLIA, 1965, p. xx).

Feito esse parêntese sobre Alexander Von Humboldt, que, coincidentemente, acumula efemérides em 2019 – 250 anos de seu nascimento e 160 de sua morte –, prossigamos com alguns detalhes da trajetória de John K. Wright. Há um paralelo entre a divisão das ideias em “científicas” e “não científicas” e o trabalho dos historiadores críticos de *Harvard* no final do século XIX (KOELSCH, 2003a), citados por Wright (1926) como um exemplo de estudiosos sobre o pensamento geográfico, cuja menção fez referência à investigação da relação entre as ideias sobre a distribuição das terras e mares no planeta e os problemas enfrentados pelos navegadores.

Em um artigo sobre a relação entre John K. Wright, William H. Tillinghast (1854-1913) e seu estudo “*The Geographical Knowledge of the Ancients considered in relation to the Discovery of America*” (TILLINGHAST, 1889) publicado na obra “*Narrative and Critical History*

of America”, organizada por Justin Winsor (1831-1897),²⁰ Koelsch (2003a) identifica a origem do modelo bipartite do conhecimento geográfico (científico e não científico) nas obras de historiadores de *Harvard*. Segundo o autor, o modelo de história da geografia apresentado por Wright (1925a, 1926) e refinado posteriormente no discurso presidencial da Association of American Geographers (WRIGHT, 1947) teve sua gênese a partir do encontro de John K. Wright com historiadores de Harvard – entre eles Ephraim Emerton (1851-1935), Edward Channing (1856-1931), Charles Haskins (1870-1937) e George Sarton (1884-1956) – no período inicial de sua formação (entre 1912 e 1917).²¹

Segundo Koelsch (2003a), uma vez expulsos os elementos humanísticos da síntese humboldtiana da geografia americana no final do século XIX, que foram substituídos pelo darwinismo, pela fisiografia de Thomas Huxley e pelo modelo de geografia acadêmica estabelecido por William Morris Davis em Harvard, a fundação do projeto humanístico por John K. Wright tem sua base nos historiadores de Harvard, enquanto ele ainda era um estudante de pós-graduação em história. Seja ou não coerente a hipótese de que o projeto de história da geografia desenvolvido por Wright está associado à história e aos historiadores de Harvard, há indícios de que o encontro entre Wright e tais historiadores contribuiu para alimentar a institucionalização da história das ciências. Mais que simplesmente **ideias**, nossa hipótese é de que há um conjunto de **práticas** que, a um só tempo, contribuem para a definição da história da geografia (tal como praticada por John K. Wright) e de como ela se inscreve na história das ciências.

²⁰O historiador Justin Winsor atuou como bibliotecário da Harvard University nas décadas finais do século XIX.

²¹Assim que publicada, a tese de Wright (1925b) foi objeto de uma resenha escrita por George Sarton (1925) no periódico *Isis*.

Façamos brevemente um recuo no tempo. No ano de 1913, o belga George Sarton funda o periódico "*Isis – Revue Consacrée a l'histoire de la science*"; o historiador belga seguiu para os Estados Unidos em 1915, após o início da Primeira Guerra Mundial, e começou a lecionar na *Harvard University* em 1916 – um ano antes de John K. Wright viajar para Paris. Não parece fortuito, portanto, que o primeiro artigo de fôlego de Wright (1923) tenha sido publicado na "*Isis*". No ano de 1924, na página de frente do *Isis*, é possível identificar os créditos à participação de John K. Wright e Charles Haskins como editores associados do periódico, então com um novo subtítulo: "*International Review devoted to the History of Science and Civilization*".

Ao longo da década de 1920, John K. Wright publicou diversos textos na "*Isis*", sobretudo resenhas de livros e organização de itens bibliográficos (SARTON, 1924). Para a realização de ambas as práticas, organização bibliográfica e revisão crítica de livros, John Wright aproveitava a *expertise* desenvolvida nos anos iniciais como bibliotecário da AGS. Em 1923, ele organizou uma publicação de apoio à pesquisa geográfica, com uma lista de livros, atlas e periódicos de relevância geográfica e comentários sobre como utilizá-los para solucionar um problema geográfico: "*Aids to Geographical Research*". Em colaboração com Elizabeth T. Platt, bibliotecária da AGS, John K. Wright publicou uma segunda edição do "*Aids to Geographical Research*" (WRIGHT; PLATT, 1947). Havia, ainda, o "*Geographical Record*", uma seção do periódico "*Geographical Review*" (da AGS), com pequenos comentários temáticos e bibliográficos – um dos subtítulos com comentários de John K. Wright era o "*History of Geography*".

Como vimos anteriormente, a formação histórica de Wright certamente contribuiu para seu interesse na história da geografia (KOELSCH, 2003a). Por outro lado, mesmo que o autor explicita suas ideias em relação à história da geografia, há um conjunto de práticas que

possibilita a inserção da história da geografia (e, conseqüentemente, dos pretensos historiadores da geografia) nos circuitos institucionais da história das ciências ainda em vias de consolidação àquela época (THACKRAY; MERTON, 1972) – o periódico "*Isis*" tinha apenas dez anos de publicação quando Wright passou a figurar como editor associado.

Anotações, resenhas, listas bibliográficas e outras práticas de arquivamento, familiares aos bibliotecários, também fizeram parte do estabelecimento da história da geografia (e da história das ciências).²² Se, de um lado, o fato de Wright não ter se estabelecido como professor nas universidades talvez tenha limitado o alcance de suas obras, de outro, possibilitou uma rotina de trabalho que contribuiu para o florescimento de seu projeto de história da geografia desenraizado das práticas científicas dominantes na geografia dos Estados Unidos no início do século XX (LOWENTHAL, 1969). Esse desenraizamento, sem dúvida, perpassa o campo das ideias, mas também o das práticas.

Desde os já conhecidos estudos de Ludwik Fleck (1935 [2010]) e Thomas Kuhn (1962 [2017]), há, entre os historiadores das ciências, a crença de que os indivíduos engajados na prática científica não examinam o modo como suas especialidades se formaram (e só olham para trás com o objetivo de glorificar seus antepassados). Em contraste com esses, existiriam os humanistas, indivíduos que se engajam com a leitura, interpretação, citação e comentários críticos àqueles textos, autores e materiais que compõem o legado histórico de uma determinada matéria de interesse. Nessa classificação entre cientistas e humanistas, ainda que bastante questionável e limitada, é flagrante o humanismo de John K. Wright. Com a estreiteza dos limites desta nota, esperamos que, ao despertar John K. Wright cinquenta

²²Pyenson (1995) para uma análise detalhada do papel da sistematização de fontes na prática de George Sarton.

Despertando os mortos: uma nota historiográfica sobre John Kirtland Wright (1891-1969)

Rafael Augusto Andrade Gomes

anos depois de sua morte, tenhamos feito mais do que simplesmente homenageá-lo. ☹

REFERÊNCIAS

- BARNES, Harry E. (Ed.). **The History and Prospects of the Social Sciences**. New York: A. A. Knopf, 1925a.
- BARNES, Harry E. **The New History and the Social Sciences**. New York: The Century Company, 1925b.
- BARNETT, Clive. Awakening the Dead: Who Needs the History of Geography? **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 20, n. 4, p. 417-419, 1995.
- BOWDEN, Martyn. John Kirtland Wright, 1891-1969. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 60, n. 2, p. 394-403, 1970.
- BRUNHES, Jean. Human Geography. In: BARNES, Harry E (Ed.). **The History and Prospects of the Social Sciences**. New York: A. A. Knopf, 1925. p. 55-105.
- CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico**. Introdução aos estudos de Geographia Moderna. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1925.
- DAVIS, William Morris. The progress of geography in the United States. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 14, n. 4, p. 159-215, 1924.
- FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2010 [1935].
- GABAGLIA, Antônio Fernando Raja. Prefácio. In: HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da natureza**. Clássicos Jackson. 2 volumes. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1965. p. v-xxii.
- GOBLET, Yves-Marie. La géographie historique et l'histoire de la géographie au III Congrès de l'Union Géographique Internationale (Paris, septembre 1931). **Revue Historique**, t. 170, f. 1, 1932, p. 32-45.
- HANDLEY, Michael. John K. Wright and Human Nature in Geography. **Geographical Review**, v. 83, n. 2, p. 183-193, 1993.
- HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, 1997.
- HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória de 1950-1990**. Londrina: EDUEL, 2016.
- HUMBOLDT, Alexander von. **Cosmos**. Ensayo de una descripción física del mundo. Eduardo Perié (Ed.). Bélgica: Biblioteca Hispano-Sur-Americana, 1875.
- HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da natureza**. Clássicos Jackson. 2 volumes. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1965.
- KEIGHREN, Innes. **The imaginary worlds of John Kirtland Wright**. 2002. 89f. Dissertação (Bacharelado em Geografia) – Departament of Geography, The University of Edinburgh, Edinburgh, 2002.
- KOELSCH, William. William H. Tillinghast, John K. Wright, and some antecedentes of American humanistic geography. **Journal of Historical Geography**, v. 29, n. 4, p. 618-630, 2003a.
- KOELSCH, William. John Kirtland Wright: 1891-1969. In: ARMSTRONG, Patrick; MARTIN, Geoffrey. **Geographers: Biobibliographical Studies**, volume 22. London and New York: Cotinuum International Publishing Group, 2003b.
- KUHN, Thomas. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: Chicago University Press, 1962.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções científicas**. 13. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

Despertando os mortos: uma nota historiográfica sobre John Kirtland Wright (1891-1969)

Rafael Augusto Andrade Gomes

LATOURE, Bruno. **Science in Action**. How to follow scientists and engineers through society. Massachusetts: Harvard University Press, 1987.

LATOURE, Bruno. **Ciência em ação**. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LEY, David. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v. 5, n. 2, p. 249-257, 1981.

LOWENTHAL, David. Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.

LOWENTHAL, David. John Kirtland Wright, 1891-1969. **Geographical Review**, v. 59, n. 4, p. 598-604, 1969.

LOWENTHAL, David; BOWDEN, Martyn (Eds.). **Geographies of the Mind**. Essays in historical geosophy in honor of John Kirtland Wright. New York: Oxford University Press and American Geographical Society, 1976.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, 2010.

POWELL, Joseph. Terrae incognitae, revisited. **Progress in Human Geography**, v. 1, n. 2, p. 328-335, 1977.

PYENSON, Lewis. Inventory as a route to understanding: Sarton, Neugebauer, and sources. **History of Science**, v. 33, n. 3, p. 253-282, 1995.

SARTON, George. Fifteenth Critical Bibliography of the History and Philosophy of Science and of the History of Civilization. **Isis**, v. 6, n. 2, p. 135-251, 1924.

SARTON, George. Reviews. **Isis**, v. 7, n. 3, p. 495-498, 1925.

SEAMON, David.; LUNDVERG, Adam. Humanistic geography. In: RICHARDSON, Douglas; CASTREE, Noel; GODDCHILD, Michael; KOBAYASHI, Audrey; LIU, Weidong; MARSTON, Richard. **The**

International Encyclopedia of Geography. New Jersey: John Wiley & Sons, 2017, p. 1-11.

THACKRAY, Arnold; MERTON, Robert. On Discipline Building: The Paradoxes of George Sarton. **Isis**, v. 63, n. 4, p. 472-495, 1972.

TILLINGHAST, William H. The Geographical Knowledge of the Ancients considered in relation to the Discovery of America. In: WINSOR, Justin. **History of America**. Cambridge: The Riverside Press, 1889.

WRIGHT, John K. Notes on the Knowledge of Latitudes and Longitudes in the Middle Ages. **Isis**, v. 5, n. 1, p. 75-98, 1923.

WRIGHT, John K. The history of geography: a point of view. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 15, n. 4, p. 192-201, 1925a.

WRIGHT, John K. **Geographical Lore of the Time of the Crusades**. A Study in the History of Medieval Science and Tradition in Western Europe. New York: American Geographical Society, 1925b.

WRIGHT, John K. A Plea for the History of Geography. **Isis**, v. 8, n. 3, p. 477-491, 1926.

WRIGHT, John K. Map Makers Are Human: Comments on the Subjective in Maps. **Geographical Review**, v. 32, n. 4, p. 527-544, 1942.

WRIGHT, John K. Terrae Incognitae: The place of the Imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947. [Tradução para o português: WRIGHT, John K. Terrae Incognitae: O Lugar da Imaginação em Geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014].

WRIGHT, John K.; PLATT, Elizabeth. **Aids to geographical research**. American Geographical Society Research Series Number 22. Second Edition. New York, American Geographical Society and Columbia University Press, 1947.